

A VERDADE

Orgão Spiritista

PUBLICA-SE 4 THELES POR MEE

REDACTORES DIVERSOS

Anno II

Cuyabá, 30 de Janeiro da 1896

N. 83

A VERDADE

Cuyabá, 30 de Janeiro de 1896

Tolerancia!

« Dia virá, disse De Maistre, em que reconheceremos que todas as religiões são boas, que o paganismo todo não é mais que um vasto systema de verdades, ainda pouco comprehendidas e mal interpretadas por nós. »

Clamem embora os sectarios de cada uma das religiões, entre as quaes se reparte a humanidade, que só a sua é a verdadeira, que elles sómente foram dignos de receber a luz do alto; a razão esclarecida protestará sempre contra essa vaidosa pretensão do homem, contra essa parcialidade injustificavel de que querem fazer carga A'quelle que, tendo creado as humanidades todas que vivem nos mundos sem conta, que povôam a immensidade, dedica a todos o mesmo amor paternal, quer o progresso ea felicidade dos homens todos, sem distincção alguma do modo por que lhe rendem culto e adoração.

E' isso que disse o inspirado apostolo Pedro (Actos dos apostolos, cap 10 v. 34-35); « Tenho comprehendido que Deus não faz acceção de pessoas; mas que em toda nação aquelle que o teme e é justo, lhe é aceito. » E o apostolo Paulo na sua epistola aos Romanos, cap. 10; v. 12: « Não ha distincção de Judeu e de Grego, pois um só é o senhor de todos, rico para com todos os que o invocam. »

E' o principio da tolerancia, aconselhado por Jesus e pregado ao mundo por seus apostolos, por aquelles

que foram testemunhas da sua passagem pela Terra, e que por sua elevação estavam bem nas condições de comprehender e explicar os seus ensinamentos, baseados todos na lei do amor.

E' a tolerancia, cuja falta tem sido a causa de tantas lutas, de tão envenenados odios perseguições, e afinal da desmoralisação em que vão cahindo as tantas seitas sahidas do christianismo; as quaes estão hoje dando ao mundo o triste espetaculo do sacrificio das sublimes verdades trazidas pelo Christo, feito ao seu desejo insactavel de dominar o mundo, sem trepidar na escolha dos meios que empregam para a consecução de seu fim.

Quando mais adiantada estaria a propagação do christianismo, a que progressos não teria elle ja levado seus adeptos, se esses homens, bem compenetrados da sua missão, tivessem com calma procurado illucidar suas divergencias, desfazer suas duvidas pela razão esclarecida pelo estudo, sem recorrer a esses meios violentos que despertam a animosidade e provocam as represalias e as vinganças, tão profligadas por aquelle, que nos foi enviado como modelo!

Jesus e seus apostolos ensinaram que toda a lei e os prophetas estavam encerrados n' estes dois mandamentos divinos: Amai a Deus sobre todas as cousas—Amai ao proximo como a vós mesmo; que Deus não faz selecção de pessoas, e ama igualmente a todos que cumprem a sua lei; não a lei escripta que foi sómente transmittida a uma pequena fracção da humanidade terrena, como pretendem os que se julgam os só honrados com esse presente, sem verem que só essa pretensão orgulhosa bas

tava para que elles o não merecessem; mas aquella lei natural que, como disse o apostolo Paulo em sua epistola aos Romanos' cap. 2, Deus gravou no coração dos homens todos, e que é a todos sempre recordada pela razão e a consciencia.

Seguirão, porém, os homens esses ensinamentos? Infelizmente não; apogados ás formulas vans do culto externo, elles nem querem examinar, repellem o estudo necessario para julgar—os com justiça, os principios adoptados por aquelles, que não os acompanhavam no seu modo de manifestar seu amor e respeito á Divindade.

Dahi esses ataques constantes dos adeptos de uma aos de outra seita, esses golpes desferidos sem piedade, cujos resultados não serão mais que a desmoralisação dos principios, que elles propalam scatar e defender, desmoralisação que vai affectar a creença das massas n' uma justiça presidindo os destinos do mundo, e concorrer poderosamente para o seu desvio do caminho do dever.

D'ahi esse odio contra o Spiritismo, cujos ensinamentos elles nem querem estudar e ousam mesmo aconselhar que ninguem estude. E no entanto a moral spiritista não é mais que a moral christian, que todas as seitas sahidas do christianismo devem ensinar aos homens.

Mais conforme com o que disse o apostolo, o spiritismo prega e demonstra, pelo raciocinio e por factos que Deus não faz selecção entre seus filhos, que a virtude é sempre merecedora de um galardão, anhe-se ella no corpeção de um catholico, de um protestante, de um judeu, de um musulmano, de um chinês ou de um selvagem fetichista,

e o vicio sempre reprovado, onde quer que elle se manifesto.

Spiritas, sede tolerantes, amai aos vossos irmãos, qualquer que seja a religião a que pertençam; apresentai-lhes os ensinamentos da vossa doutrina, discuti com elles sem irritar-vos e sem molestar-os; e consultando a vossa razão e a vossa consciencia, ouvi-os e acceitai d'elles o que for bom, o que trouxer o cunho das verdades pregadas pelo Messias de Nazareth.

Crede que o que lhes disserdes, não será perdido; se hoje for por elles repellido, talvez que amanha lhes falle n'alma e os faça julgar melhor da vossa doutrina; que talvez venha a ser-lhes uma tabua de salvação n'esse naufragio das velhas crenças, por elles mesmos provocado.

Amái e esperai:

A luta

Não ha progresso sem luta e sem soffrimentos. Assim como na natureza physica é depois das borrascas do inverno, que a terra se ostenta adornada com todas as galas da primavera; assim tambem, na ordem intellectual e moral, é depois da revolução e grandes abalos sociaes, que os novos principios scientificos e religiosos se firmam, occupando o lugar daquelles que foram impotentes, para conter as paixões que deram origem ao cataclysmo.

E' uma luta natural. Sempre que uma ideia nova se apresenta, o temor do desconhecido, o quietismo, o receio de perder o que já se supõe ter ganho, e o orgulho, esse fatal companheiro do atrazo moral e intellectual esse inimigo terrivel da nossa humanidade, erguem-se formidaveis, e buscam a todo transe tolher a marcha da recémvinda, tentando asphyxial-a no berço.

Percorramos a historia do homem terreno; e encontraremos em todas as suas paginas os vestigios sangrentos dessa luta, os nomes illustres dos venerandos martyres do progresso que, em sua cegueira, as massas sacrificaram, do altar de su-

as indomitas paixões, ao desejo de não sahirem do estado em que se julgavam folizes.

Zoroastro, pregando a sua religião, tão grande, tão pura, para os tempos em que elle viveu, teve de fugir do seu paiz, depois de formidavel luta fratecida, em que seus adeptos foram vencidos e expulsos da Bactriana.

Abraão foi perseguido de cidade em cidade, sem encontrar um só lugar onde podesse implantar o monotheismo, que elle ensinava.

Socrates bebeu a cicuta; Jesus soffreu a affrontosa ignominia do patibulo; seus discipulos foram perseguidos e mortos sem piedade; as farras nos amphitheatros romanos se banquetearam com as carnes palpitantes dos primeiros propagadores do christianismo, ao som dos applausos e gargalhadas dos senhores do mundo, mais ferozes que os actores inconscientes que elles applaudiam e excitavam.

Depois as abjurações forçadas, os carcereiros, os sequestros dos bens e o fumo das fogueiras buscaram, na media idade, abafar por toda parte as vozes dos innovadores, daquelles que queriam propagar as inspirações, que recebiam do alto.

Hoje, esses meios violentos não sendo mais da moda, recorrem a outros que, de algum modo, pareçam satisfazer ao seu *desideratum*; são as accusações infundadas com o fim de desviar a attenção dos incautos, a calumnias, e o ridiculo as armas, de que se servem os modernos sustentadores do *status quo*. Imprudentes e loucos que não veem, que essas armas têm dous gumes que, em vez de ferir ao adversario, podem inutilisar as mãos que as manejam!

Lutai; mas lembrai-vos que, apesar do seu triumpho ephemero, os vencedores foram sempre os vencidos nessas lutas do passado.

O mazdeismo propagou-se de Babilonia por toda a Asia occidental; o monotheismo de Abraão firmou-se na Palestina e estendeu ramos por grande parte do mundo; as ide-

as de Socrates estão escriptas nas bandeiras dos modernos batalhadores do progresso; e os ensinamentos do Christo se propagam, purificados das alterações que os tinham feito soffrer, e em breve ligarão a humanidade inteira em uma só familia.

Entre nós, como em toda a parte, a luta é a mesma. E' sempre o interesse do momento se antepondo a tudo, que apparece de novo, e cerrando, com teimosia imperdoavel, os olhos e os ouvidos, para se não deixar convencer do falso caminho, que vai seguindo.

Como da-se com a homoeopathia, que, apesar das curas com que diariamente nos maravilha, ainda tem contradictores acerrimos; da-se com o magnetismo animal, esse agente therapeutico poderosissimo que está attrahindo a attenção das primeiras notabilidades medicas do globo; e da-se com o Spiritismo, cuja veracidade, como bem disse o sabio Wallace, já não precisa de demonstrações.

Não se lhe póde mais lançar a pecha de sciencia abstracta, de vagas concepções do espirito humano, sem meios de verificação.

O spiritismo é demonstrado por um sem numero de variadissimos phenomenos, susceptiveis da mais minuciosa observação; elles se dão por parte; para elles não ha privilegios de classes, de fortunas, de sciencias, elles se produzem do mesmo modo nas choupanas do simples aldeão, nos palacios dos potentados e no gremio das mais nomeadas academias.

Seus principios examinados com calma, á luz da razão esclarecida, estão em plena conformidade com todas as exigencias da mais pura moral, e com os ensinamentos da sciencia moderna, colhidos em suas longas peregrinações atravez de todos os ramos dos conhecimentos humanos? Que mais querem?

N'uma época em que as religiões não progressivas estremeçam aos rudes golpes, que a sciencia sobre ellas desfecha; n'uma época em que a descrença pareça ameaçar-nos de

uma retrogradação medonha, offerece-se á vós uma religião scientifica, e com todos os requisitos exigidos; e vós a repellis?

Estudai o Spiritismo; lêe-o com attenção; e depois, combatei-o, se o poderdes.

As provações

Quando nos vemos em afflicção, desanimamos, se não nos revoltamos; ainda que sejamos crentes, crentes nos bons tempos, que é o mesmo que dizer: crentes sem fé.

O que nos dá, porém, o desanimo ou a revolta? A lei ha de se cumprir; ninguém passará pela porta estreita sem ter pago sua divida.

Um viajante morria de sede, mas sabia que alem, muito distante, havia fresca e limpida corrente; sómente, para lá chegar precisava atravessar um grande areal ardente, que lhe abrasaria os pés.

Não havia, porém, outro caminho, e o misero via-se n'esta alternativa: ou quodava-se, para atravessar o mau caminho, ou sujeitava-se aos tranços d'aquella travessia, para alcançar a corrente; a morte pelo desanimo, ou a vida pela resignação.

Nem outra é a contingencia em que se encontram na vida todos os vem a ella.

Se recuam diante das duras provações, não pagam sua divida, não cumprem o pacto feito com Deus, quando receberam a esmola de nova encarnação, não passam pela porta estreita, que dá entrada para o mundo dos felizes; tem de voltar e de sofrer, até que se submettam da boa vontade á lei.

Se, porém, alentados pela fé, erguidos nas azas da esperanças, tendo por escudo o amor e a humanidade, enfrentam com a provação, sem medirem a extensão dos sacrificios, de olhos fitos na Estrella de Israel, correrão por cima das areias ardentes, mal lhes sentindo o calor e, como em vós de agua, tendo despidos os trapos immundos do homem velho, apresentar-se-hão, vestidos de alva tunica, lá onde correm as lim-

pidas e frescas aguas do ribeiro, que sacia a sede dos regenerados, dos que se limpam de suas fallas, dos que substituíram o homem velho pelo homem novo.

Muitas vezes a provação nos asoberba, não realmente por ser dolorosa, mas principalmente por abater-nos o orgulho e a vaidade.

Em geral, soffremos mais depressa um golpe que nos fere o coração, do que a vergonha de sermos obrigados a dar publico testemunho de nos faltarem recursos para mantermos a dignidade de nossa posição.

Curvamos a cabeça, resignados, diante do corpo inanimado do mais caro dos entes; revoltamo-nos contra a sorte e contra Deus, porque somos obrigados a deixar a carruagem pelo bond, o palacio (por pobre habitação. Da modo que a prava que viemos a fazer contra o orgulho e a vaidade, é destruida pelo orgulho e pela vaidade!

Até quando esses infelizes morrem de sede, por não transporem os areaes, que abatem seu orgulhos e que são para os humildes caminho plano e porventura ledeado de flores?

Podem recuar, podem revoltar-se quanto quizerem: mais a lei não se modificará por amor d'elles, e elles mesmos, depois de duros e reiterados supplicios, que bem poderiam ter evitado, cederão á lei, e reconhecerão arrependidos a loucura de sua teimosis.

Ah! Se os homens soubessem aproveitar as esmolas que recebem da mão caridosa do Pai de amor!

Uma apreheção.

A lembrança da vida espirital em relação a material, segundo pensamos deve merecer—de todos os christãos especial attenção, porque é n'ella que encontramos a felicidade de reunirmos com os nossos amigos do espaço, que alegres e satisfeitos vem nos receber, quando bem sabemos nos conduzir n'este mundo de illusões e soffrimentos; guiando-nos no caminho reto, tra-

quado pelo Divino Redemptor, aquem tudo devemos, pelos innumeraveis beneficios que d'Elle temos recebido e esperamos continuar a receber, inspirando-nos na pratica da caridade, baluarte da salvação da humanidade. E quanto nos intristece ver certo numero de irmãos incredulos que mostrando-se indifferentes a pratica da caridade, furtam-se ao dever sagrado de socorrer aos diavaldos irmãos, que passando pelas provações da vida material, soffrom dolorosamente grandes miserias, chegando até ao ponto de lhes faltar o pão necessario de cada dia! Quanto nos é sensível ver-os pelas ruas á esmolar do publico o obulo da caridade, sendo poucos os irmãos beneficentes que a fazem, recebendo-lhes com amor, dedicação e lealdade; outros porém, se negão e os recebem com vezames e desgostos!!

O que será destes quando penetrarem no mundo dos Espirites!!...

Cuyabá, 22 de Janeiro de 1896.

S. G.

A um materialista, em presença de um morto

Pois bem! O que disseste é verdade: não morro, transforma-se; mas entristecestes-me a alma. Nada vês nesse olhos apagados, nada nessa bocca contrahida, nem nessa pallida fronte; o craneo onde se revelaram tantas ideias, o coração onde rugiram tantas paixões serão mais tarde mel de abelhas ou terível veneno; é certo; mais si nada mais ha, é também horróroso.

Todas as alegrias, todas as dores, todas as grandezas de uma vida terminam para ti na gelada grandeza da morte: nella se extinguem as rajadas de luz que brilharam na fronte de Cervantes, e os mundos de inspiração e o sentimento poderoso do divino Hsmero. Não; ha um quec que é que não acaba com esse organismo immovel como uma esphinge a frio como um sepulcro; algo que para no infinito e fala com a linguagem muda da alma; algo potente que toca as mais intimas moias do

tuu espirito, dirige as tuas determinações e te impõe a sua lei..... Esse mesmo sentimento que agora te inundou, essas torrentes de ideias que transladas para um papel insensivel dando-lhe o teu proprio espirito, essa torrentes de inspirações que te arrebatam da desesperação ao deliquio, nascem do morto que temos diante de nós outros; porque não ha morto como tú não morreras, como nada morre em a natureza.

Tú sentes e pensas; tú tens criado; a alegria impessoal e abstracta, produzem em ti ruidosas expansões; te embriagou o amor, e viste rotas as fibras de tua alma pela dor; a desesperação de arrastou mais impetuosamente que os furacões; o desejo te attraheu mais que o iman, e te elevou a alturas aonde as azas do condor não podem remontar-se; a esperança te susteve a beira do abysmo contra a vertigem e a gravidade, só com o suave halito de seu ser; e tudo isto dizes que termina na frieza magestosa do tumulo! Não; pallidas figuras, forças desconhecidas, commoções provenientes da sombra e do mysterio que atravessaram o deserto do teu espirito sem que saibas para onde voaram; pobre homem que foste o seu joguete! não negues a sua essencia nem a sua perpetuidade, porque te negas a ti mesmo e te declaras producto do secho e da loucura. Aquella amor immaculado que dedicavas á tua mãe; aquelles beijos que davas á tua amada entre os myrtos e as violetas, ao pallido fulgor da lua; aquelles caricias amargas que prodigalizavas aos teus filhinhos haviam de morrer! Aquelles extases sagrados em que, arrebatada a alma ao mais profundo recolhimento, ascendia a Deus com um vôo mais puro que o dos anjos, aquella grandeza do teu ser quando presencias vivas asiuctas passadas da historia e arrancavas ao futuro o seu raio de luz, para todos ainda desconhecido.... tudo isto havia de ser mentira, brilhante bolha de sabão á mercê da insensata casualidade?

Tú vês nesse morto uma ruina, porque não vês na vida outra coisa; não sentes as bellezas naturaes da alma: o morto não é elle, és tu.

As illosões doiradas que te comprazias em suspender sobre a tua cabeça, como uma aurora da felicidade foram tornando se obscuras quaes nuvens crepusculares, e sentes já a angustia da noite, e volvees os tristes olhos á terra em busca de um vago e ficticio consolo. Ah! censolas a tua horrivel afflicção considerando que a materia não morre, e aniquilas a essencia, tambem raio divino, impossivel de aniquilar; suavizar a tua amargura fingindo-te deleites ao admirar as côres da narçada rosa, quando em realidade sentes pavor ao sondar o incolor vacuo da tua alma; falas dos suaves e melancholicos matizes, do espirar da tarde, quando estás presentindo noite eterna para o teu espirito; vões com as abelhas e com os passaros entre as flores, quando estás pensando que o templo ha de arrancar uma por uma as pennas das tuas azas.

Oh ironia da felicidade! Ser feliz e crer que estes mundos de pensamentos e paixões, de amores e de ideias, hão de viver monos quo uma fugacissima rosa! Ser feliz e crer que a essencia palpitante que alentou o genio, que o amor casto que nidificou em a virgem, que o fogo sagrado que exaltou os martyres, viveriam menos que o zumbido de uma abelha, menos que o esvoçar de um pobre passarinho! Ser feliz e crer que as rochas da vida que pouco a pouco vai formando espirito em seu imperio illimitado, cabirão antes ao impulso do tempo que a rocha que se levanta arida no imperio da natureza! Oh felicidade desconsolidadora, como que nasce num sepulcro e em presença da morte!

Logo te descobres e ajoelhas diante desse cadaver, dessa lama? (segundo as tuas palavras), germen de asqueirosos gusanos, e esqueces Deus que renova e transforma a mate-

ria e o espirito immortal que desco-ubeces.

Deixa esse cadaver que foi um homem; não sabes porque appareceu na terra, nem aonde irá levando no seu mysterioso vôo tudo quanto admiraste nella quando vivia; deixa que cessem as harmonias da materia em bem das incomparáveis do espirito; deixa que as rosas se descolorem e cahiam desfohadas no sudario que recolheu a esse cadaver, como recolhe tambem a tudo quanto sollicita o seu amparo para renovar se e transformar-se eternamente; e vêem aonde se renova a vida do espirito para apparecer e reapparecer mais formoso que todas as formosuras da terra; vêem aonde, dispida a alma, livre, de toda a ligadura encontrareis o espirito; comprehendamos que Deus não é um phantasma burlador de nossos gemidos e de nossas angustias: aonde vejamos que o homem não é um athomo que vive maldisendo a Deus e se aniquilla no incensivel da natureza.

Benigno Pallór.

(Lux ex Tenebris).

Jornaes Spiritas

Recebemos pela ultima malla aqui chegada os n.º 89 e 90 d' "La Irradiacion" Revista illustrada de estudos psicologicos que se publica em Madrid.

Acompanhou a mesma revista um folheto — «O Sol e a Lua» por Camillo Flamarión.

E' esta uma excellente obrinha que muito interessa aos que se dedicam aos estudos da astronomia.

EXPEDIENTE

ASSIGNATURA: POR MEZ 1:000 REIS
NUMERO AVULSO 300 REIS.

Toma-se assignatura deste jornal no escriptorio da redacção a rua Barão de Melgaço n.º 38

Typ. de Emilio Calháo.